

## A aldeia é pequenina

O Cururu desce manso, os pássaros libertam suas gargantas, o dia vibra. O domingo é pura energia, a floresta esbanja seu verde e sua força, a vida explode em intensidade e beleza.

A aldeia é pequenina, são oito casinhas iguais à nossa e algumas outras menores. Há ainda uma cobertura que abriga o forno e os apetrechos para o fabrico da farinha. O rio passa bem na porta da aldeia e está quase alcançando as *uk'a* – no último inverno algumas casas foram inundadas e, se as chuvas deste ano o levarem até elas, Tawé mudará a maloca para um lugar mais alto. Circulando pela aldeia alguns cachorros, muito magros como os dos outros lugares, leitões e galinhas. Um macaquinho branquinho aparece nos ombros da mulher de Jeorokat e, logo em seguida, some novamente debaixo de seus cabelos, tão pequenino que é. Os cabelos das mulheres são pretos e muito brilhantes e atingem quase a cintura. No rio, as índias que lavavam roupa agora se banham. Uma delas tira seus colares e os coloca no pescoço de Kika, dando-lhe um belo presente.

Vejo os homens preparando seus barcos para a pesca e me aproximo, procurando ajudar em alguma coisa. Quando Tawé embarca em sua *kebe*, atrevo-me a perguntar-lhe se posso ir também. Recebo um curto, mas, não grosso, “não”. Ele, é claro, não explica o motivo e eu fico me interrogando a respeito.